Editorial

Sobre educação

A educação é ou não é o sustentáculo de uma nação? É ou não é a base que garante a capacitação para o trabalho, a preservação dos direitos de cidadania e os investimentos que permitirão um futuro melhor?

Todos os setores devem alinhar-se com a idéia de investir em educação, não apenas o governo. A iniciativa privada, por sua abrangência, deve ser polarizada nesse sentido. As empresas devem ser incentivadas a desenvolver projetos educativos. Todos, enfim, podem e devem contribuir para o mesmo objetivo.

O próprio conceito de educação deverá ser melhor entendido e direcionado, pois educar é muito mais do que transmitir-absorver conhecimentos. É, acima de tudo, mudar comportamentos. E mudança de comportamentos não se faz por decreto. É necessário todo um conjunto de condições, desde um plano global de governo que priorize a educação em todos seus setores, até o passo-a-passo a ser seguido por todos os segmentos da nação.

Como médicos, temos a convicção de que a educação na área da saúde será a única maneira de mudarmos o quadro atual. Para todos, promoção da saúde e prevenção das doenças. Para as situações necessárias, diagnóstico das enfermidades e seu tratamento. A divulgação de informações terá utilidade máxima se os cidadãos se acostumarem a fazer bom uso delas. Os conhecimentos adquiridos seqüencialmente, ao longo da vida, facilitarão o entendimento dos fatores de risco para a saúde, de como evitá-los e dos recursos a serem utilizados.

Como cidadãos, pensamos que um dos problemas cruciais de todas as nações seja o binômio planejamento familiar-controle da natalidade, e a melhor organização deste setor deve constituir-se na base de sustentação do processo educativo do nosso país.

Dentre os novos paradigmas para a educação, destaque-se que, em primeiríssimo lugar, os educadores devem receber maior preparação e melhor tratamento profissional para que possam ser mais capacitados e mais dedicados. E que ensinem seus discípulos a aprender (desenvolvimento de autonomia e criatividade). E que a população se acostume a fazer (exercício de direitos e deveres; consciência de que “o governo somos nós”). O grande desafio de hoje não é preparar o jovem cidadão para entrar numa faculdade, pois poucos o farão, mas prepará-lo para o trabalho – a escola fundamental deve ser, acima de tudo, profissionalizante! Os ofícios devem ser ensinados desde os primeiros dias de aulas. Dessa forma, a evolução de cada aluno ocorrerá num crescendo, permitindo maior avanço para os mais capazes, e, pelo menos, algum tipo de aprendizado profissional para todos.

Esse processo será lento, trabalhoso, difícil, por vezes penoso e até desgastante, mas não há outra saída, pois da educação depende nosso futuro como pessoas e como nação.

LUIZ CARLOS CORRÊA DA SILVA
Diretor Científico da AMRIGS